

Domingo, 6 de maio de 2001

Opção é explorar mais o potencial hídrico

Segundo professor, saída para o problema é a construção de pequenas centrais hidrelétricas

Para o professor da USP, Ildo Sauer, embora as perspectivas para o setor de energia sejam catastróficas, o País não está condenado a seguir esse rumo. A alternativa é explorar os potenciais hídricos, construindo mais hidrelétricas, até mesmo Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH's). Além disso, há um grande potencial na co-geração que ainda não foi explorado.

Segundo o assessor da diretoria da Unica, Onório Kitayana, a co-geração com bagaço de cana-de-açúcar poderia acrescentar 5 mil megawatts (MW) na capacidade de geração de energia do País. Se for aproveitada a palha, esse número sobe para 10 mil MW. Para produzir essa energia, no entanto, as usinas teriam de promover uma modernização nas suas unidades. "Para isso, é preciso ter recursos e é aí que começa o problema, pois não existe um programa de incentivo para esse tipo de fonte de energia", explica.

Kitayana comenta que nos últimos dez anos a indústria perdeu 5 milhões de litros de álcool hidratado. Ou seja, 70 mil barris por dia.

Conseqüentemente, perdeu a oportunidade de gerar mais energia. Portanto, não basta incentivar apenas a co-geração. É necessário tornar atrativo o combustível. "Tem de ter coerência. O setor não vai plantar cana apenas para gerar energia."

Na avaliação do coordenador do Programa de Planejamento Energético da Cope, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maurício Tolmasquim, o governo precisa criar uma legislação clara para essas fontes de eletricidade. Assim como as termoelétricas a gás natural, é essencial criar um programa de biomassa energética para atrair os empreendedores.

Hoje, com a escassez de energia, as distribuidoras estão correndo atrás dessas fontes para garantir o fornecimento. "Mas quem garante que quando os reservatórios estiverem cheios e a situação melhorar elas vão continuar comprando essa energia?", questiona Tolmasquim. "Tudo seria resolvido se o Brasil tivesse uma política energética bem definida."

Vale lembrar, porém, que a negociação para a venda da energia é feita entre a usina e a distribuidora. O Operador Nacional do Sistema (ONS) somente despacha geração de energia acima de 30 MW.

O mais atraente desse tipo de geração é que coincide exatamente com a seca, em que o nível dos reservatórios está baixo. É nessa época que começa a safra de cana. Além disso, o Estado de São Paulo é um dos principais produtores do País.

Alternativas - Segundo a Eletrobrás, o setor arrozeiro também revela um potencial de 200 MW, apenas no interior Rio Grande do Sul, para projetos de geração térmica a partir dos rejeitos industriais (casca do arroz). Também os setores madeireiros e de papel e celulose apresentam grandes potenciais para exploração dos rejeitos industriais.

Existem outras fontes de energia que poderiam amenizar o problemas energético brasileiro. Mas as fontes alternativas, como eólica e solar, segundo especialistas, somente seriam eficientes se utilizadas em locais fora da rede. (R.P.)